



UMA AMÉRICA LATINA EM CONSTANTE (RE)DEFINIÇÃO

UNA AMÉRICA LATINA EN CONSTANTE (RE)DEFINICIÓN

A LATIN AMERICA IN CONSTANT (RE)DEFINITION

Igor Lemos Moreira¹ 

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Resumo: A obra “DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MYERS, Jorge. (Org.). *Continente por Definir: As Ideias de América no século XX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022. 516p.”, a partir de um exercício de História Intelectual aliado à História dos Conceitos, apresenta uma perspectiva inovadora para a análise sobre as identidades americanas, latino-americanas, hispânicas ou ibero-americanas. Explorando, especialmente, a ideia de redes e as trajetórias de sujeitos fundamentais para a construção de representações sobre o continente, a coletânea apresenta uma América Latina que pode ser entendida enquanto Campo de representações e como Lugar de imaginários. Ao longo da presente resenha, exploramos as principais contribuições de cada texto, assim como analisamos as questões centrais e possíveis contribuições da obra. Como principal aspecto, se compreende que a obra é uma publicação singular e importante, tendo em vista que discute tema caro aos estudos sobre as Américas, mas constantemente naturalizado: as identidades e representações nacionais.

Palavras-Chave: América Latina, Identidades, Representações.

Resumen: La obra “DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MYERS, Jorge. (Org.). *Continente por Definir: As Ideias de América no século XX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022. 516p.”, a partir de un ejercicio de Historia Intelectual combinada con la Historia de los Conceptos, presenta una perspectiva innovadora para el análisis de las identidades americana, latinoamericana, hispánica o iberoamericana. Explorando, especialmente, la idea de redes y las trayectorias de sujetos fundamentales para la construcción de representaciones sobre el continente, la colección presenta una América Latina que puede ser entendida como Campo de representaciones y como Lugar de imaginarios. A lo largo de esta reseña, exploramos las principales contribuciones de cada texto, así como analizamos los problemas centrales y las posibles contribuciones del trabajo. Como aspecto principal, se

¹ Doutorando em História, Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: igorlemoreira@gmail.com.

entende que a obra é uma publicação única e importante, considerando que aborda um tema caro a los estudos sobre las Américas, pero constantemente naturalizado: las identidades y representaciones nacionales.

Palabras clave: América Latina, Identidades, Representaciones.

Abstract: The work”, based on an exercise in Intellectual History combined with the History of Concepts, presents an innovative perspective for the analysis of American, Latin American, Hispanic or Ibero-American identities. Exploring, especially, the idea of networks and the trajectories of fundamental subjects for the construction of representations about the continent, the collection presents a Latin America that can be understood as a Field of representations and as a Place of imaginaries. Throughout this review, we explore the main contributions of each text, as well as analyze the central issues and possible contributions of the work. As a main aspect, it is understood that the work is a unique and important publication, considering that it discusses a theme that is dear to studies on the Americas, but constantly naturalized: national identities and representations.

Keywords: Latin America, Identities, Representations.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206656](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.206656)

Recebido em: 10/01/2023
Aprovado em: 23/06/2023
Publicado em: 30/07/2023

Publicado pela editora UFMG (Minas Gerais, Brasil) em 2022, *Continente por definir: As ideias de América no Século XX*, pode ser considerada uma obra de referência para pesquisadores que se debruçam a analisar as identidades americanas, latino-americanas, hispânicas ou ibero-americanas. Com organização de Eliana de Freitas Dutra e Jorge Myers, a coletânea é uma obra necessária cuja especificidade reside em um esforço que transita entre o regional/nacional e o panorama macro tanto a partir das contextualizações como do esforço por diálogos. Tal abordagem foi possível, em especial, pela obra ter como fio condutor trabalhos que perpassam a História Intelectual e a História Global, propondo uma perspectiva que pensa as produções em circulação junto a trajetórias, redes e projetos políticos. A concepção, inclusive, retoma a proposta teórico-metodológica presente em obra anterior organizada por Costa e

Maíz (2018), ao promover estudos que busquem o debate sobre as representações e ideias de América Latina, por vezes em diálogo inclusive com Estados Unidos, a partir de instituições e sujeitos que transitaram entre o pensamento do Estado-Nação, o continente e o global.

Dividido em seis partes, quase todas com dois artigos, *Continente por definir* se envereda por analisar a construção de imaginários sobre o continente latino-americano no século XX a partir de diferentes recortes temporais, temáticos e espaciais. A primeira parte da obra, *América Latina: Narrativas de Fundação*, empreende um esforço de História Intelectual, especialmente em diálogo com a literatura e os ensaios, para compreender a ideia de mitos e produção de uma narrativa fundacional sobre a América Latina. Eliana de Freitas Dutra, em “*Se existo não, não sou um outro*”: os desafios de ser, desenvolve uma genealogia para o conceito de América Latina a partir de uma visão plural e poligenia que dialogam com a história conceitual e Michel Foucault. Através de uma articulação importante entre literatura e produção “acadêmica”, Dutra atenta não apenas para o fato de a ideia de “América Latina” ser um conceito sempre relacional, que se dá pela diferença e semelhança, mas principalmente é uma construção que se desenvolve a partir de dois pressupostos: como *campo* identitário elaborado historicamente e enquanto *espaço* de representação e identificação. Tal entendimento seria estruturante para pensar as “elaborações identitárias que, fruto de longínquas sedimentações históricas, atravessam os séculos XIX e XX e alcançam o século XXI” (DUTRA, 2022, p. 29). Os dois pressupostos apresentados servem de base para pensar o restante da obra e apresentam hipóteses centrais para enfrentar outras questões, como as noções de “latinidade”, “hispanidade” e “latino-americanidade”.

Em “*Com os olhos de um grego da odisseia*”: o latino-americanismo de Rodó, de Ariel às crônicas de viagem pela Europa, Inês de Torres mergulha na produção do uruguaio Juan Enrique Rodó de forma a analisar a influência do helenismo para confrontar o imperialismo cultural estadunidense e promover uma nova utopia de modernidade

latino-americana. Concentrando-se na construção do movimento *arielista*, Torres analisa como Rodó tentava construir um modelo intelectual para a América Latina através de temas como democracia, juventude e o imperialismo cultural. A autora destaca que apesar da recepção um pouco tardia de seus escritos, Rodó não ficou isento de críticas ou mesmo da falta de circulação, como no Brasil, e afirma que suas provocações tiveram papel importante não apenas para a construção de representações sobre o continente, mas para o diálogo com outros autores, como Roberto Fernández Retamar.

A segunda parte da coletânea, *Por um americanismo cultural: nas trilhas do protagonismo africano e indígena*, reúne três artigos que se dedicam a analisar as fronteiras culturais e os processos de hibridismos na América Latina. Jorge Myers, autor de “*Eu também sou América*”: *música, história e transculturação na obra de Ildefonso Pereda Valdés e Fernando Ortiz* discorre sobre a presença africana na música popular a partir de um intelectual uruguaio e outro cubano. Ambos, conhecidos por suas produções antropológicas, desenvolveram interpretações próprias sobre as práticas afro-latino-americanas, sendo que cada um implementou uma perspectiva própria: Valdés apostou em uma perspectiva continental, o que o levou a destacar o indigenismo, enquanto Ortiz desenvolveu teorias sobre transculturação, especialmente a partir de um africanismo. No entanto, Myers não se limita apenas a uma análise das produções desses autores, mas tenta compreender os impactos das reflexões e a inspiração dos discursos americanistas, o que certamente é uma contribuição ímpar frente aos estudos anteriores.

Em *Arqueologia e estética na unidade espiritual do continente: sobre Ricardo Rojas e Joaquín Torres García*, Alejandra Mailhe explora a teoria estética indo-americanista do argentino Ricardo Rojas e do uruguaio Joaquín Torres García. A autora procura compreender a cristalização de um discurso sobre os povos originários na América, ao longo dos anos 1920 e 1930, que articulava o ideológico ao estético. Apesar do recorte no século XX, Mailhe promove um estudo interessante ao dialogar com a arqueologia

pré-colombiana para compreender a influência do que chamou de “unidade espiritual do continente”, que se materializaria nas artes plásticas. A partir de Ricardo Rojas, a autora afirma que “essa unidade americana, de base arqueológica, supõe uma mesma espiritualidade, fundada em um idealismo panteísta e religioso” (p. 152). Tal movimento não era apenas uma retomada objetiva de símbolos e iconografias indígenas, mas ao ser incorporado às vanguardas artísticas criava uma visão moderna e em diálogo com bases fundamentais da arte moderna.

Gabriela Pellegrino Soares assina o último capítulo da segunda seção. Intitulado *América ou Américas: olhares sobre as fronteiras culturais do continente na primeira metade do século XX*, o artigo analisa as “fronteiras culturais” e as reivindicações identitárias no continente americano a partir dos mexicanos José Vasconcelos e José Miguel Covarrubias e dos peruanos José Carlos Mariátegui e Luís E. Valcárcel. Abordando suas trajetórias intelectuais, políticas e as redes as quais integraram, Soares compara o papel das populações indígenas e mestiças na produção dos autores, interpretando sincronias e diacronias nas interpretações sobre passado e futuro da América. A autora demonstra como sentimentos de americanismos ou latino-americanismos emergem de um contexto de crise na virada do século, que colocava o chamado “Novo Mundo” frente à construção dos Estados-Nacionais e à I Guerra Mundial, processos que reafirmaram e tentaram reinserir as Américas a partir de outros grupos e da redefinição de fronteiras que não são territoriais, mas constituídas pelas identificações e as relações de poder.

Limiares do conhecimento, das letras e da política: polarizações teóricas na luta anti-imperialista na América Latina, terceira parte do livro, reúne dois textos entrelaçados na problemática do pensamento de esquerda e das teorias econômico-sociais. Patrícia Funes, em *Ensaio, literatura e ciências sociais entre Las venas abiertas de América Latina* analisa a trajetória de produção de “As veias abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, de forma a compreender sua interação no anos 1960 e a repercussão editorial da obra. A abordagem é particularmente interessante

pois estrutura uma forma de “rede de comunicação” da obra, que envolve desde a influência de ideias e seu contexto, até as circulações, inclusive com a retirada da obra de livrarias e bibliotecas em contextos ditatoriais.

Adriane Vidal Costa, em *Darcy Ribeiro e os dilemas da América Latina*, é a primeira a tomar como ponto de partida um intelectual brasileiro. Ao analisar *O dilema da América Latina*, escrita pelo antropólogo Darcy Ribeiro durante seu exílio, Costa insere a obra em um panorama maior da produção do autor de forma a compreender seu pensamento teórico, com ênfase nos diálogos com a teoria da dependência. Segundo Costa, o exílio ocupa um lugar central no pensamento de Ribeiro e da história intelectual latino-americana, tendo “facilitado a formulação de narrativas de autoafirmação que contêm construções metafóricas culturais (latino-americanismo, ibero-americanismo, hispano-americanismo etc.) e indagações identitárias mais amplas do que aquelas circunscritas aos limites do Estado Nação.” (COSTA, 2022, p. 259).

A quarta parte da obra, *Justiça e direito: Lugares de América*, tem como foco o estudo das produções de juristas e do campo do direito para entender as representações de identidades. Geralmente considerados como “Homens de Letras”, esses sujeitos foram centrais na produção de um pensamento jurídico, diplomático e de governança de seus respectivos países, projetando também ideias sobre o continente e suas fronteiras. Pablo Ortemberg, em *O ibero-americanismo no calor das tensões continentais: a militância de José León Suárez* analisa a trajetória de um jurista e diplomata argentino defensor do *arielismo*, dialogando com o capítulo de Alejandra Mailhe. Ortemberg analisa como o seguidor de Rodó produziu discursos americanistas em práticas e instituições fundamentais para moldar e dar segurança a suas ações.

Em *Advogados das Américas: Juristas e(m) imaginações continentais*, Mariana de Moraes Silveira discute o papel de juristas para a construção de identificações latino-americanas, com destaque à atuação de advogados e associações nas delimitações de políticas nacionais e na internacionalização das práticas jurídicas. Silveira compara a atuação dos

brasileiros Rodrigo Otávio e Haroldo Valladão com os argentinos Enrique Gil e J. Honorio Silgueira de forma a compreender as redes, a circulação de ideias e a construção de espaços transnacionais em entidades supostamente ligadas a Estados-Nação como o *Colegio de Abogados de Buenos Aires*, a *Federación Argentina de Colegios de Abogados* e o Instituto de Advogados Brasileiros. A interface entre sujeitos e instituições é analisada a partir da construção dos campos que buscavam a formação de “americanismos jurídicos” como uma chave que transitava entre as perspectivas nacionais, os projetos hemisféricos e idealismos.

O tema dos americanismos é retomado na quinta parte, *Americanismos impressos: uma comunidade política ou intelectual*, que reúne artigos de Kátia Baggio e Regina Crespo. Kátia Baggio empreende um estudo sobre o diretor da revista *América Brasileira* (Rio de Janeiro, 1921-1924), Elysio de Carvalho, com ênfase em seu ativismo político e nas ambiguidades de um homem que transitou entre posturas vanguardistas e anarquistas e inclusive o extremo conservadorismo. O capítulo, intitulado *Elysio de Carvalho: do anarquismo individualista ao nacionalismo militante de América Brasileira*, explora tanto a trajetória que atuou em órgãos de segurança quanto a revista que articulava nacionalismo e tradicionalismo na formulação de uma narrativa americanista. O periódico foi fervoroso defensor do sentimento nacionalista nesse processo, tendo um discurso com elementos positivistas influenciado pelos resquícios no militarismo republicano no país. O estudo de Baggio é particularmente potente pois não se trata de uma espécie de análise sobre a trajetória e obra do ponto de vista individualista de Carvalho, mas sim enquanto operação relacional na qual são entendidos os diálogos com diferentes intelectuais, como João Ribeiro, e grupos intelectuais, como o Congresso Internacional de Americanistas.

O artigo *As revistas Marcha, Crisis e Versus: hispano ou Latinoamérica? (1972-1979)*, de Regina Crespo compara as revistas *Marcha* (Uruguai), *Crisis* (Argentina) e *Versus* (Brasil) e seus editores para compreender as influências e afinidades entre as redes estabelecidas nos

periódicos. Com foco na década de 1970, Crespo aborda um tema crucial para as identidades latino-americanas: os vínculos e reconhecimentos (ou não) do Brasil com os países hispano-falantes. A partir dos periódicos, a autora destaca o papel de mediação das revistas literárias e ensaísticas procurando argumentar que tais veículos foram espaços de reflexão e proposição de um latino-americanismo programático, mesmo em suas divergências, em contextos ditatoriais e de repressão.

A última parte do trabalho, intitulada *Identidades de Esquerda: a América Latina entre experiências e imagens*, aborda os movimentos de esquerda no continente a partir do cinema e das redes intelectuais, com ênfase nos anos 1950 e 1970. Mariana Villaça, autora de *Os contornos da América Latina no cinema cubano pós-revolução*, analisa o papel da produção audiovisual cubana após o triunfo da Revolução e o estabelecimento de uma política cultural. Em um estudo sistemático sobre o órgão, citando inclusive outras iniciativas como o mundo musical entre as quais poderíamos incluir também a dança, Villaça problematiza como a Revolução passou a produzir sentidos sobre a América Latina em relação à Europa e aos EUA a partir de produções audiovisuais. A autora, se concentra em compreender qual “‘América Latina’ foi construída e quais contornos esta identidade ganhou no cinema produzido em Cuba, mostrando alguns intercâmbios e as ações de política cultural que contribuíram para essa franca disposição americanista.” (VILLAÇA, 2022, p. 456). Chama a atenção, em sua hipótese, a articulação entre Estado e produção audiovisual não apenas do ponto de vista estrutural e/ou de financiamento e controle, mas de atuação na circulação e transmissão das produções.

Por fim, a coletânea encerra com o artigo *Um momento anti-imperialista: intelectuais latino-americanos nas redes comunistas dos anos 1950*, assinado por Adriana Petra. Ao propor analisar a trajetória da argentina María Rosa Oliver, Petra traz para o centro das discussões uma mulher que se envolveu diretamente na construção de comunismo na América Latina pós-1956, com a crise internacional do movimento. Seu

texto explora vastamente a relação com o contexto, e a construção de uma latino-americanidade no bojo da reinvenção do movimento comunista, chamando a atenção para o papel de uma intelectual engajada em meio a um cenário recorrentemente associado ao mundo masculino. Mais que uma discussão conceitual e/ou de representações, Petra demonstra o papel dos sujeitos como indivíduos de agência e ação e a importância não apenas das trajetórias do ponto de vista produtivo, mas atuante e colaborativo para a produção de visão sobre o continente.

Continente por definir é uma obra de importância fundamental para historiadores das Américas ao tematizar os debates sobre as identidades latino-americanas, e suas variações como latinidade e hispanidade. As “Américas” dos capítulos reunidos são regiões imaginadas e marcadas por conflitos, tensões e processos de colonização que reforçam discursos ao passo que lutam contra vozes hegemônicas. A coletânea dialoga com estudos consolidados na área como Mignolo (2005), Morales (2019) e Palti (2020), ao encarnar identidades e narrativas múltiplas que elaboram as Américas como território imaginado e campo de constante disputa. Esse processo, marcado por colonialismos e imperialismos, no entanto, não é subalterno e/ou desestruturado de sua autorreflexão, seja ela nacional ou transnacional, como parte de uma determinada historiografia isolacionista defenderia.

A América Latina de *Continente por Definir* é pulsante, articulando categorias como raça, classe, etnia e gênero. A obra cumpre uma lacuna e um papel importante ao apresentar um grupo de historiadores que tem se dedicado a pensar a formação de uma representação da América Latina pós-discursos fundacionais, com ênfase no seu caráter conectado. A ideia de “por definir” condensa a proposta ao reforçar que como representação, o continente imaginado por intelectuais é vivo e relacional, e pode ser orientado por determinadas narrativas, mas cujo significado é constantemente disputado por seu pertencimento no tempo.

Entre semelhanças e diferenças, *Continente por definir* contribui para o entendimento de uma América Latina que olha para si e para dentro. As

redes são o principal eixo para a defesa da hipótese da América Latina como um continente imaginado e representado entre o coletivo e o individual, entre o político e o cultural, entre o social e a ideologia. A identidade latino-americana, e suas formas discursivas como o americanismo, são entendidas e defendidas na obra como uma pauta recorrente e sem respostas fechadas. No plano teórico-metodológico, os textos demonstram a importância de combater os essencialismos e buscar, nas contradições e na diversidade dos significados e significantes dos discursos americanistas. Ao passo que cada vez mais se tenta definir e analisar as Américas, *Continente por Definir* demonstra que a tarefa árdua é alimentada pela impossibilidade de uma única definição fechada e estática. Pensar uma identidade única latino-americana é, como se pode inferir pela obra, não somente utópico como não recomendado, o que não significa que não seja possível estabelecer relações, projetos e projetos de integração.

Referências

- COSTA, Adriane; MAÍZ, Claudio (Orgs). **Nas tramas da cidade letrada: Sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MYERS, Jorge. (Org.). **Continente por Definir: As Ideias de América no século XX**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022. 516 p.
- MIGNOLO, Walter. **The idea of Latin America**. Nova Jersey: Blackwell, 2005.
- MORALES, Ed. **Latinx: The New Force in American Politics and Culture**. Nova York: Verso Books, 2019.
- PALTI, Elias. **O tempo da política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- PRADO, Maria Ligia. **América Latina no século XIX**. São Paulo: Edusp, 2014.